

EX-“CONTRAPONTEIROS” CONTAM SUAS EXPERIÊNCIAS

Por Isabel Harari e Rute Pina

Ao longo de uma década e 75 edições, o **Contraponto** ajudou a formar profissionais que hoje brilham como jornalistas

2001



2002



2007



2004



2005



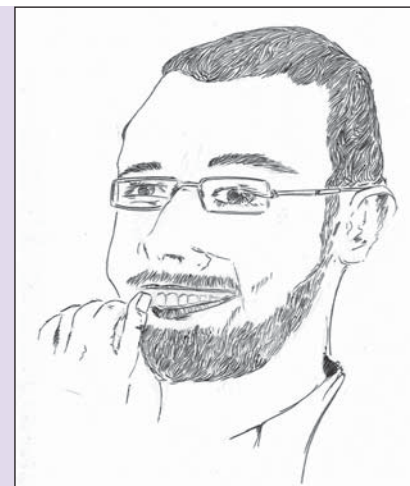
2010



2007



2011



Arturo Hartmann

Turma de 2004

É um dos diretores do documentário *Sobre futebol e barreiras* e atualmente colabora em veículos como o *Opera Mundi*

Quando entrei na faculdade, em 2001, o **Contraponto** não existia. Ainda era um projeto, mas não se sabia se seria um jornal monotemático, mensal... Acho que por influência de todo o departamento de jornalismo da PUC-SP, ele não apareceu somente como um simples jornal de faculdade, mas um jornal que tem como eixo a crítica da mídia.

O curso, pelo menos no primeiro ano, era bastante teórico, embora houvesse algumas matérias práticas. O que mais atraía os estudantes do primeiro ano como eu era a existência das duas partes no **Contraponto**. Existia a parte prática de ir entrevistar, apurar uma pauta, como também uma parte teórica, nas reuniões semanais, que eram incríveis. Não eram somente reuniões de pauta; discutíamos os assuntos da semana, tínhamos uma formação intelectual que acho que é base para a prática. Olhando agora, 10 anos depois, vejo como foram importantes.

Lá aprendi que o jornalismo não é exatamente aquilo que imaginava, não é absolutamente neutro e objetivo como uma conta matemática, não é somando fontes que se tem uma reportagem, você tem que ter senso crítico para fazer uma matéria. E o senso crítico também é com relação ao seu próprio trabalho. O **Contraponto** me ensinou também que há vários caminhos para se fazer o jornalismo.

Dependendo da atividade que você faz, do caminho que você escolhe no jornalismo, o **Contraponto** é muito parecido com o mercado de trabalho. Como faço atividades variadas, também pode ser outro esquema de trabalho. Mas ele te dá uma base para aguentar o tranco.

A matéria que fizemos do Fórum Mundial Social que aconteceu em Porto Alegre em 2003. Você estar na rua, estar lá quando as coisas acontecem e escrever sobre isso é incrível.



© Isabel Harari

Ana Maria Straube (Por e-mail)
Turma de 2004
Atualmente trabalha no Ecatu
Comunicação e Memória

Participar do **Contraponto** foi uma das experiências mais importantes da faculdade. Foi lá que dei os primeiros passos no exercício do jornalismo, coisa que nem sempre as disciplinas práticas conseguem ensinar e estimular. Um jornal laboratório era demanda antiga do curso e quando entrei na PUC, em 2001, ele ainda não existia. O projeto já havia sido apresentado à diretoria da faculdade e estava engavetado. Me lembro do professor Hamilton cobrando sua implantação em uma assembleia, e, pouco tempo depois começamos a ouvir comentários de que iria se concretizar.

As primeiras reuniões eram lotadas, as pautas divididas entre muita gente, todo mundo querendo participar. Comecei a me envolver aos poucos, em 2002, com uma reportagem polêmica sobre um livro publicado com erros por uma professora da USP e atacado na *Folha de S. Paulo* pelo Élio Gaspari. A experiência de entrevistá-lo foi inesquecível, levei um sabão horrível porque menti para a secretária até ele aceitar dar a entrevista, que no fim era sobre o livro e não sobre ele. A partir daí virei colaboradora assídua do **CP**, produzindo textos, fotos, fazendo revisão, copydesk, ajudando no fechamento.

O **Contraponto** era parte fundamental da minha vida e de muita gente nessa época, tanto que rolavam vários quebra paus, denúncias disso e daquilo, era nosso principal assunto e levado muito a sério. Entre os textos que mais gostei de produzir, me lembro de entrevistas com jornalistas antigões e experientes como Miguel Urbano, Fritz Utzeri e Flávio Tavares (que foi super atuante politicamente e conseguiu ser preso e solto pela Operação Condor, na época da ditadura). Muitas dessas entrevistas me abriram portas, se tornaram portfólio mesmo, muito mais legais de mostrar do que trabalhos convencionais da faculdade ou do estágio. Mas o mais estimulante de toda a experiência do **Contraponto** foi sem dúvida o caráter contestador do jornal. Ninguém estava ali para reproduzir o que já aparecia na grande imprensa, ou brincar de fazer matéria. Tanto que até jornalistas experientes conseguimos cutucar, quando, por exemplo, o **CP** fez uma matéria sobre denúncias na ABIN que só a Carta Capital deu.

Com o nome do jornal conseguimos ir duas vezes ao Fórum Social Mundial em Porto Alegre e metiamos algum medo nas estruturas da PUC. Me orgulho muito de ter ido buscar em Salvador o prêmio de melhor jornal laboratório da Expocom, que em 2002, com apenas um ano de vida, o **CP** roubou de muito jornal mais antigo e consagrado.



2006



© Isabel Harari

Rodrigo Borges Delfim (Por e-mail)
Turma de 2009
Trabalha na editoria de Novas mídias do portal UOL

Comecei no **Contraponto** já no meu primeiro ano de PUC, em 2006, na edição 39, incentivado pela mesma pessoa que me levaria a participar também do Centro Acadêmico Benevides Paixão nos dois anos seguintes. Fiquei no **CP** até o fim do meu curso na PUC, em 2009. Nesse período cuidei da Antena (entre 2007 e 2008) e fui secretário de produção (2009).

Foi uma experiência muito rica para mim, na qual aprendi muito sobre o jornalismo, com meus erros e acertos, correrias e imprevistos que aparecem na edição de qualquer veículo de comunicação. Eu tinha de trabalhar em uma área que não tinha a ver com jornalismo no começo da faculdade, então o **CP** era minha válvula de escape, o local no qual eu podia propor e fazer reportagens, o que eu mais gosto nessa profissão.

O **CP** também me propiciou experiências que nunca imaginava viver, como uma entrevista com um jornalista sérvio que dirigiu uma das poucas rádios a fazer oposição ao então ditador iugoslavo Slobodan Milosevic (edição 44) e o especial sobre os 30 anos da invasão da Tropa de Choque na PUC (encarte especial de setembro de 2007), só para destacar duas delas.



© Isabel Harari

Marcela Rocha
Turma de 2010
Atualmente é jornalista do núcleo de reportagens especiais da Rede Record de televisão

Entre no **Contraponto** no meu primeiro ano de faculdade. Comecei fazendo matéria, mas logo a secretária de redação começou a trabalhar e teve que sair. Então eu fiquei dois anos no cargo, em 2007 e 2008. Estar no **Contraponto** foi o que definiu meu começo de carreira, pois por causa dele eu consegui meu primeiro emprego jornalístico sério.

Estávamos no auge da operação Satiagraha, que estava repercutindo muito na imprensa e eu encasquei que iria entrevistar o delegado Protógenes Queiroz para o **Contraponto**. Eu pensei, 'Ele não falou com a *Folha*, com o *Estado de S. Paulo*... Ele nunca vai falar com o **CP**'. Mas ele quis falar, eu fiz uma entrevista de 2 horas e meia com ele, entrei no QG (Quartel General) da Polícia Federal e ainda chamei o cara para vir dar uma palestra na PUC-SP! Eu era a mediadora dessa palestra e o Bob Fernandes, um dos maiores jornalistas investigativos do país, estava lá, me viu e me chamou para trabalhar com ele! E eu fui. Lá com o Bob, eu cobri a Satiagraha, a operação Castelo de Areia da Polícia Federal, as eleições presidenciais de 2010 (tinha que cobrir a campanha do José Serra, então eu viajei pelo Brasil inteiro, por todos estados). Foi a melhor experiência da minha vida e só foi possível graças ao **Contraponto**. Se eu não tivesse feito a entrevista para o **CP**, não tivesse chamado o Protógenes para dar uma palestra, o Bob nunca teria me visto.

Mas sempre achei o **Contraponto** muito carente de reportagem. É muito complicado até para um aluno do 4º ano de jornalismo discorrer seis mil caracteres sobre a cobertura da *Veja* das eleições presidenciais, por exemplo. Eu não tenho base hoje e talvez não tenha daqui a 10 anos para fazer. Então sempre me esforcei neste sentido, de propor pautas mais jornalísticas e menos articulistas. Mas esta mesma coisa na qual condeno no jornal, também acho incrível no **CP**. Ele te dá possibilidade de você escrever, exercitar, poder divergir sobre o assunto.

O que eu fiz no **Contraponto** não irei fazer mais em toda minha vida: participar de toda a cadeia produtiva de um veículo. Na televisão, é assustador, pois trabalho com 70 pessoas na equipe! Eu gravo o material, passo para o editor, que passa para o editor de ilha e depois pelo finalizador... No **Contraponto**, você quem escolhe a pauta, faz a reunião, discute, faz *brainstorm*, tira foto, participa da diagramação – o que é muito raro, é fabuloso. A alienação que o excesso de estrutura proporciona é absurda: você fica completamente alheio do resultado daquilo que você faz. E o **Contraponto** me permitiu conhecer todo o processo de produção de um veículo de comunicação.



© Isabel Harari

Bárbara Mengardo

Turma de 2010.

Atualmente é repórter da revista *Caros Amigos*

Assim que entrei, me surpreendi com a liberdade que existia no **Contraponto**. Eu pensei que só depois de alguns meses frequentando as reuniões que poderia pegar uma pauta. Mesmo assim, propus uma entrevista com um militante negro – não me lembro seu nome – que havia recebido várias ameaças de morte e que tinha vindo na semana de jornalismo. Peguei a matéria logo de cara com mais duas colegas do segundo ano. Mas deu tudo errado na entrevista com ele.

Estava chovendo, eu estava com febre, uma das minhas colegas não pôde ir porque também estava doente... Mas fomos fazer a entrevista. Assim que terminamos e entramos no elevador, percebemos que só havíamos gravado dez minutos da entrevista de aproximadamente 2 horas. Eu não sabia o que fazer. Cheguei à reunião na outra semana quase chorando, mas todo mundo foi compreensível e contou outras histórias parecidas com a minha – o Arbex contou que ele quase perdeu uma entrevista com o Gorbachev! Esse foi um episódio bem marcante, pois foi a primeira vez que eu fui e todos me ajudaram neste problema que tive. E aí eu comecei a ir bastante.

Outra matéria marcante que fiz foi um especial em Paraisópolis, minha última para o **Contraponto**. Na época, estava acontecendo a Operação Saturação. A Polícia Militar entrou lá desrespeitando os Direitos Humanos. A invasão era uma justificativa da PM para militarizar Paraisópolis, segunda maior favela de São Paulo e que está do lado do Morumbi. Fomos para onde se formava o movimento "Paraisópolis Exige Respeito". Foi uma matéria bem legal de umas quatro páginas.

Um dos motivos para escrever para o **CP** era treinar o modo como iria escrever. Era um espaço em que eu poderia escrever matérias grandes e eu tinha a noção que poderia ser a última vez que eu poderia propor e apurar uma pauta – são poucos lugares em que se pode exercer essa liberdade. Isso foi fundamental para minha experiência jornalística: eu andava procurando pautas, assim como procuro hoje. O **Contraponto**, junto com outras atividades que exerci na universidade, como o C.A., significou minha passagem pela PUC-SP. O caráter de resistência das matérias. O **CP** reúne esse perfil de estudante que quer fazer uma coisa um pouco mais crítica e acho muito importante ter esse espaço crítico porque esse é o papel fundamental do jornalismo atualmente, puramente ideológico, diferentemente do jornalismo que apenas endossa sentidos comuns.

2008



© Isabel Harari

João Villaverde

Turma de 2009.

Atualmente é repórter do *Valor Econômico* em Brasília

O **Contraponto** foi central e diferencial para mim. Durante a faculdade eu peguei uma fase pauleira do país: época do Mensalão, das Eleições Presidenciais de 2006, e também da operação Satiagraha, que foi muito importante pra mim, pois eu tinha muito informação sobre aquilo. Eu já estava no *Valor Econômico*, mas eu não tinha um canal para divulgar aquilo. Como eu era muito novo no *Valor*, as pessoas não apostariam em mim por ser tão jovem e ter tanta informação – o que acho compreensível. E o **Contraponto** foi essencial, foi como uma válvula de escape. Eu lembro ter feito uma matéria de 4 ou 5 páginas para o **CP** que repercutiu nos jornais por conter informações que eles não tinham. E isso me ajudou até no mercado de trabalho, não diretamente, mas indiretamente: me ajudou a me sustentar lá dentro.

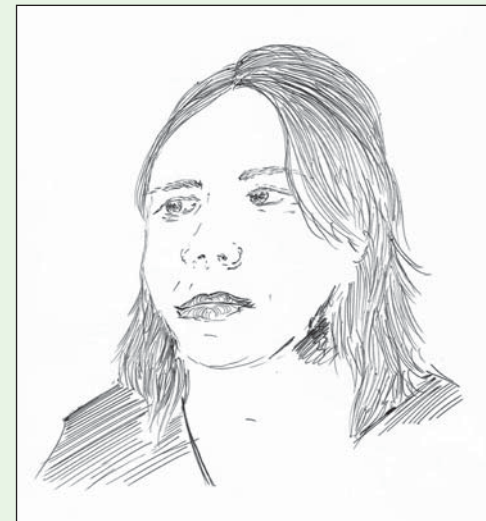
A coisa que eu mais gostava eram as reuniões de pauta. Claro que tinham aquelas muito chatas, em que tudo era muito fácil. Mas as reuniões que tinham discussões, pessoas discordando uma das outras... Eram sensacionais, pois isso é a base do jornalismo.

Uma matéria que fiz e que me marcou muito foi uma que escrevi com a Adriana Farias, durante a crise de 2008, quando morreu o personagem símbolo da cultura americana, o Capitão América. Ela, que havia acabado de entrar na faculdade e adorava quadrinhos, e eu fizemos esta matéria que foi citada até pelo Marcelo Coelho na *Folha de S.Paulo*. No decorrer da matéria, escrevemos que o Capitão América era tão central na cultura que no número de sua revista ele aparecia dando um soco na cara do então presidente alemão e inimigo americano, Adolf Hitler. Na lista de e-mails interna do jornal, uma menina mandou um e-mail dizendo "Vocês erraram. Hitler não era alemão". Ele era presidente da Alemanha, mas era austríaco. O jeito como estava escrito sugeria esta ambiguidade. E aí eu respondi. "Esta aí uma coisa totalmente relevante para matéria. Obrigada". Eu errei, e ela não gostou, nem o namorado dela e isso levou a uma discussão na lista que envolveu muita gente, por volta de 15 pessoas – guardo até hoje esses e-mails. Essa discussão se desenvolveu e passou a discutir questões importantes, como os limites do jornalismo, como não formar uma frase ambígua... Dali deu pra tirar muita coisa, aprendi muito!

Fiz muita coisa legal nos meus anos de **CP** e muita coisa que não faria hoje – algumas matérias muito ingênuas, por exemplo, de não pensar com a própria cabeça. O pessoal mais velho falava, fazia sentido e eu concordava. Eu acabava levando o texto para um foco que não era o meu, principalmente nas primeiras matérias. É normal quando se é novo. Mas o **Contraponto** foi muito importante para eu aprender a ler jornal. Por mais que só se fale sobre crítica de mídia ou até mesmo por isso, ele te força a consumir mídia, a ler revista, a assistir televisão... Você passa a ser um crítico. O jornal me ensinou a ver as coisas de um jeito totalmente diferente.



2008



© Isabel Harari

Jaqueline Ogliari

Turma de 2010

É repórter da revista *Almanaque Brasil*

O **Contraponto** foi uma experiência bacana para lidar com o coletivo, com o trabalho em equipe. As discussões das pautas durante as reuniões instigavam muito a reflexão de todos, e hoje é difícil encontrar essa participação no mercado de trabalho.

Mais importante que exercitar a prática da reportagem era o aprendizado que tive com as pessoas com quem me envolvi. Fazer a matéria com colegas dos outros anos, compartilhar textos e informações na lista de e-mails, ir ao fechamento na casa do Senise; isso tudo mostrou que a faculdade é muito mais do que só ir às aulas e entregar os trabalhos.

Outra parte boa também era a redação de textos que tinham a ver com o que me interessava. Eu gostava de escrever sobre meio ambiente, questões sociais, direitos humanos e ciência e tecnologia, e consegui abordar tudo isso no tempo em que fiquei no **Contraponto**.

O trabalho como secretária de redação foi fundamental para a formação da minha maturidade no jornalismo. A gente sempre começa a faculdade achando que pode fazer tudo, mas essa experiência me fez enxergar as minhas limitações.

A capa do **Contraponto** que mais gosto é a do especial sobre a periferia (dezembro de 2009). Eu fiz nesta edição, uma matéria longa sobre a situação dos moradores do Parque Cocaia, que sofrem com o descaso do Estado e a especulação imobiliária de São Paulo. Mas eu tenho outras duas matérias favoritas. Uma sobre a lei Maria da Penha e a violência contra a mulher, reportagem feita para o **CP** especial sobre sexo (dezembro de 2008). A outra é sobre os índios kaiowá guarani, do Mato Grosso do Sul, a partir do trabalho de uma ex-aluna de pós-graduação da PUC.



2009

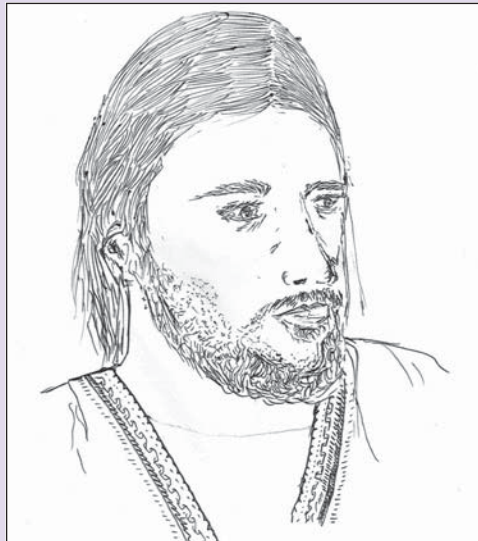


Caio "Rubinho" Zinet
Turma de 2010
Trabalha no jornal *PUCViva*

O principal do **Contraponto** é que é um espaço que te permite criar. Não tem uma camisa de força que te amarra do ponto de vista do conteúdo, o jornal te permite experimentar formas diferentes. Eu particularmente sempre me interessei mais pela matéria, pelo conteúdo em si do que pelo debate da mídia. Mas sempre achei muito importante esse enfoque de tentar sempre abordar a mídia de maneira crítica, e além de criticar, a proposta do jornal de fazer diferente. É importante porque te permite exercer um jornalismo que você acredita que seja sério, é um espaço interessante pra exercer o que você acha correto. O **Contraponto** foi muito importante para a minha formação. Você aprende: quebra a cara, e sozinho, porque é aquilo que você escolheu fazer, não tem chefe te cobrando. Isso permite a crítica e a autocrítica. É uma oportunidade de avanço. Teve uma matéria que eu fiz em Paraisópolis. Antes de começar, a Bárbara [Mengardo] entrevistou uma psicóloga que fez algumas denúncias pesadas em relação a operação "Saturação", em que a polícia ocupou a favela. Havia denúncias diárias de invasão da PM na casa de moradores sem justificativa, parando gente na rua, pegando tênis de moleques, dizendo que era roubado, que não tinham dinheiro pra comprar. Conheci uma mulher que teve a casa invadida sete vezes. Foi muito interessante porque a gente investigou e conseguiu perceber os interesses que estavam por trás, que eram de expulsar os moradores de lá por conta de uma obra da Odebrecht. Foi a matéria mais longa que eu fiz para o **Contraponto**, foi muito marcante.



2005



Fábio Nassif
Turma de 2009
É jornalista da *Carta Maior*

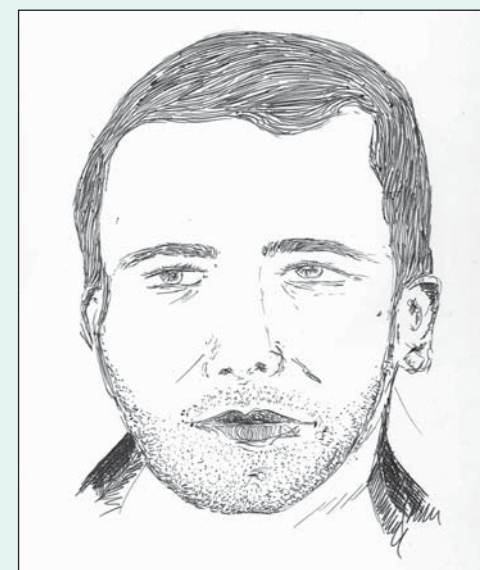
O **Contraponto** foi sem dúvida muito importante pelo seguinte motivo: o jornal é uma vacina contra o mercado. A vacina de cobra você faz com veneno de cobra, o antídoto é feito a partir do veneno. O **CP** mostra como funciona o mercado de um ponto de vista quase que ideal, como funciona, na forma de se organizar: como se fazer um jornal, reunião de pauta, debates, distribuição das pautas, o espaço de fazer as matérias. Mas te mostra tudo isso de uma maneira distinta do que você vai encontrar ao longo da vida profissional, provavelmente. Faz isso para te prevenir.

O jornal não adota completamente o discurso do "você aprende isso porque o mercado exige isso", você precisa fazer parte do **Contraponto** pelo que a vida exige, dentro da profissão de jornalista, que é mais do que uma forma ética de exercer sua carreira, é uma forma de viver, de ser. O **Contraponto** é interessante porque coloca os estudantes em situações reais dentro da profissão que possibilita esses testes, e ao mesmo tempo tem esse aprendizado muito maior.

Uma matéria que me marcou bastante foi uma que eu fiz no Fórum Social Mundial da Venezuela. Tinha pouca gente para cobrir, então foi bem legal. Teve uma sobre drogas na Universidade que foi muito interessante porque gerou muita polêmica; uns policiais prenderam um cara dentro da PUC, causando indignação, e ao mesmo tempo a gente que vivia a realidade dos centros acadêmicos sabia que não era uma realidade tão tranquila. E por ser um tema polêmico teve algumas questões com os entrevistados meio conflituosas, em que eles davam entrevista e depois pediam pra não publicar. De fotografia que eu me lembre teve o 8 de março, que foi uma das primeiras que eu fiz, e saiu na capa uma foto muito bonita, que eu gosto bastante.



2010



Bruno Scatena
Turma de 2007

O **Contraponto** é uma das ferramentas mais importantes do curso de jornalismo, principalmente porque ele tem um formato diferente de outros jornais laboratórios. A revista da Cásper, por exemplo, tem um editor que é um profissional que fica lá, enquanto o formato do **Contraponto** é mais participativo, isso significa que o aluno pode aprender a fazer reunião de pauta e pode pautar o próprio veículo que ele trabalha. Então, ele acaba participando de todo um processo de produção de jornal que você acaba não tendo em matérias curriculares como Introdução ao Jornalismo, em que você faz a sua matéria e acaba não tendo vivência de todo um processo que no jornal muitas vezes você só vai aprender quando você tiver lá. Então o **CP** é importante por causa disso. E fora isso ele tem uma linha que é bem diferente dos outros jornais que é uma análise crítica da mídia. Se você pensar no Brasil, são poucos veículos que falam sobre isso. Temos o Observatório da Imprensa e acabou. Parece que há um corporativismo em que a *Folha* não fala do *Estadão* e vice versa. Infelizmente ainda temos esse tipo de mídia e por isso que o **Contraponto** é importante. Acho que a matéria que eu lembro bem foi uma que eu fiz sobre o Mário Agustiano que é um jornalista do Rio de Janeiro e foi a primeira pauta cabeluda que eu fiz. Ele tinha lançado um livro super polêmico, e a FNAD que devia apresentar os jornalistas, naquela época acabou comprando uma briga porque ele falou mal do diretor de jornalismo da Globo. Foi uma matéria difícil de fazer e foi o primeiro contato que eu tive com o jornalismo em si. Deu bastante trabalho. Conversar com Elizabeth Costa, os grandes da globo. Enfim, foi uma matéria legal de fazer.